

**TERRITORIALIDADE, CORPOREIDADE E LUGAR:  
OS BAILES *FUNK* EM CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ<sup>1</sup>**

**TERRITORIALITY, CORPORALITY AND PLACE:  
THE DANCE *FUNK* IN CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ**

**Verônica Rodrigues Azevedo Almeida de Lima<sup>2</sup>  
Antonio Bernardes<sup>3</sup>**

**Resumo:** Esse manuscrito tem como asserção primária o movimento *Funk*, tal como a interpretação e o entendimento das significações e dinâmicas atinentes aos baile *Funk* na cidade de Campos dos Goytacazes, interior do Estado do Rio de Janeiro. Também, buscaremos discutir os processos que ocasionam as identificações com o local e com a música. Para tanto, aprofundamo-nos em uma de suas vertentes atuais, o *Funk* ostentação, onde foi asseverado que o mesmo não se trata apenas de um movimento musical e, também, cultural, em que seus adeptos buscam a elevação do consumo como forma de demonstração de poder. Em suma, embasamo-nos no estudo da corporeidade como um mecanismo a encontrar nossos objetivos, pois em um espaço de múltiplas territorialidades e repleto de microterritorializações, como o dos bailes *Funks*, somente com a perspectiva da corporeidade é possível encontrar respostas específicas aos nossos questionamentos.

**Palavras-chaves:** Territorialidade; corporeidade, lugar; cultura, *Funk*.

**Abstract:** The those studies to the Funk movement has as base the interpretation, understanding of the meanings and dynamics relating to Funk rhythm in the city of Campos dos Goytacazes, the state of Rio de Janeiro. Also, seeked to discuss the processes that produce the identification with the local and with the music. Thus, is explored at one of its parts, the "Funk ostentation". He it is not just a musical movement and, also, cultural, wherein its adherents seek increased consumption as a means of demonstration the power. In short, the base of discussion is principally the concept of corporeality and territoriality as a mechanism to study, because in the space of multiple territories and full of territorialization, such as the Funks parties, only as to perspective those concepts is possible to find answers to our questions.

**Key-words:** Corporeality, territoriality, place, culture, Funk.

---

<sup>1</sup> Esse manuscrito tem como base a pesquisa nível Iniciação Científica intitulada "Da corporeidade ao lugar: Os bailes *Funks* em Campos dos Goytacazes", fomentada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), orientado pelo Prof. Dr. Antonio Bernardes, e o projeto de pesquisa "Desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa: centralidade urbana de lazer noturno e relações de interface", fomentada pela FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), coordenado pelo Prof. Dr. Antonio Bernardes.

<sup>2</sup> Graduanda em Geografia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: veronicarodrigues@id.uff.br

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: antoniobernardes@id.uff.br

## 1 Introdução

Ao longo do estudo sobre os Bailes *Funks*, verificou-se que o *Funk*, enquanto ferramenta de luta e identidade cultural das classes subalternas, não tinha visibilidade e foi rotulado como não rentável pela indústria fonográfica, por conseguinte, o ritmo foi por décadas criminalizado e estereotipado pela grande mídia. Atualmente, o *Funk* apresenta-se em um novo prisma, que o afasta de seus primórdios e o aproxima de uma homogeneização cultural e identitária para beneficiar, não somente ao mercado fonográfico, mas a uma gama de empresas que lucram com sua mensagem, pois essa chega facilmente aos moradores das favelas e periferias do país por meio das músicas e de seus artistas. Diante disso, foi possível relacionar tal mudança ao corpo social da cidade de Campos dos Goytacazes, interior do Estado do Rio de Janeiro, pois entendemos que essa mudança no papel do *Funk*, esteja contribuindo para a alteração social dos jovens que se identificam com o ritmo musical, frente a sua perspectiva de consumo, alterando os seus sentimentos pelo lugar, confundindo sua identificação com o mesmo e transformando-a, agora, em uma relação de identificação muito maior com os objetos.

Por se tratar de um tema complexo, demos ênfase ao estudo da corporeidade como meio de obter as repostas pertinentes as questões iniciais que promoveram a iniciação do estudo. Por meio da corporeidade torna-se possível enxergar por entre as fissuras existentes e encontrarmos as heterogeneidades do corpo social dentro dos bailes *Funks*, pois antes de tudo, acreditamos que é através do corpo que se reflete a subjetividade dos sujeitos e, é por ele, que são transmitidos sua cultura, valores e sua visão de mundo. O homem é reflexo do mundo em que vive e traduz de forma original, através de seu corpo, o que lhe foi transmitido.

Neste sentido, foi possível corroborar que os bailes *Funks* em Campos dos Goytacazes produzem seus territórios de forma específica e que se encontra arrolada abaixo de forma detalhada. Outro ponto de análise de suma importância foi a rua, é nessa que se dá, primeiramente, as disputas pelo poder e onde se formam os primeiros laços de sociabilidade que serão refletidos dentro das casas noturnas. Já no interior dos bailes *Funks* é possível notar a busca pela acessão social através dos objetos que os jovens possuem. Pode-se asseverar que esses objetos são propriamente signos ideológicos-culturais, tal ação dos jovens dentro do baile *Funk* é o reflexo do que se aprendeu desde a infância, é o reflexo da própria ideologia capitalista e da cultura repassada e aprendida na sociedade em que ele está inserido e toda a cultura/ideologia dos sujeitos se expressa de forma subjetiva pelos seus corpos. Por fim, tem-se nos bailes *Funks* que acontecem na *Excess Club* e na *Big Field*, em Campos dos Goytacazes, o reflexo da própria sociedade, sendo esses dois ambientes o lugar dos *Funkeiros* e o reflexo a

própria ostentação que impera nesse lugar. Quanto a corporeidade e as representações feitas através do corpo são de suma importância que estejam atrelados ao lugar, pois é genuíno que é por nossa natureza corpórea que vivenciamos o espaço, a partir dos diferentes lugares.

## 2 Um pouco de/em Campos dos Goytacazes

O município de Campos dos Goytacazes está localizado na Região Norte Fluminense, Estado do Rio de Janeiro. Ele é o maior em extensão territorial do Estado, ocupando uma área de 4.026.696 Km<sup>2</sup>, com uma população estimada em 2015 de 483.970 habitantes. Campos dos Goytacazes ocupa o 8º lugar no *ranking* das cidades com maior PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro, com um valor corrente de pouco mais de 45 bilhões de reais, valores que correspondem a em torno de 1% no PIB nacional. Desses números, se destaca o setor industrial, que é o segundo maior do país. Em 2011, a indústria da cidade gerou R\$ 28,6 bilhões em PIB, ultrapassando o Rio de Janeiro, com R\$ 23,6 bilhões. À frente, ficou apenas São Paulo, com R\$ 76,9 bilhões (IBGE, 2015).

O crescimento econômico de Campos dos Goytacazes está em muito associado as atividades vinculadas aos investimentos voltados para o setor energético (hidrocarbonetos e biocombustíveis), especialmente, no que se refere ao setor industrial e toda a cadeia de serviços a este associado, mas também pela importância e centralidade exercida por esse município diante dos investimentos realizados no seu entorno. As atividades do petróleo são um elemento motivador das novas dinâmicas regionais e tal relação é responsável há alguns anos por diferentes processos e consequências atrelados a implantação de grandes projetos energéticos, especialmente a extração de Petróleo e Gás na Bacia de Campos. Houve mudanças na dinâmica populacional e das atividades de comércio e serviços. Redes de supermercados, lojas, *shoppings* e o setor imobiliário passaram a receber novos investimentos.

Como se trata de uma cidade com grande importância econômica e grande possibilidade de desenvolvimento no Brasil, Campos dos Goytacazes atrai um grande contingente de pessoas das mais diversas regiões do Brasil em busca de emprego e melhoria de vida. Com isso, houve um rápido processo de urbanização que, somado a falta de planejamento em curto e médio prazo, acarretou no crescimento desordenado e no inchaço do espaço urbano.

Apesar de sua importância econômica, Campos dos Goytacazes encontra dificuldade na distribuição de sua receita, o que agrava ainda mais a desigualdade sócio espacial existente no município, a qual remonta desde aos séculos XIX e XX, em que a principal atividade econômica era o plantio, colheita e a produção de açúcar e álcool na Região Norte Fluminense. Como exemplo,

podemos indicar o número superior de hospitais privados em relação aos públicos; o número de escolas do Ensino Médio é ínfimo, tendo aproximadamente 15.612 alunos matriculados, sendo esses correspondentes a apenas 39% do número total de jovens na faixa etária equivalente ao Ensino Médio, que é de 15 a 19 anos. Em relação a mobilidade urbana, a cidade enfrenta graves problemas por falta de planejamento. Tem-se uma frota de aproximadamente 195 mil veículos, mas apenas 1% corresponde ao número de veículos destinado ao transporte coletivo (IBGE, 2015).

Desse modo, entendemos que a desigualdade socioeconômica e sócioespacial é o meio e fim que possibilitou a emergência de movimentos culturais urbanos que possuem, a princípio, caráter contestatório, como por exemplo, o *Hip-hop* e o *Funk*. Trata-se de um meio, pois só podemos falar deles na cidade considerando o acirramento da exclusão e segregação social e espacial pela objetivação da desigualdade socioeconômica. O fim, trata-se do questionamento quanto ao modo de vida das e nas periferias da cidade.

## 2.1 Um pouco sobre o *Funk*...

O *Funk*, esse teve sua historicidade marcada por mudanças em sua musicalidade e por segregações aos seus adeptos. O ritmo possui forte influências do *Soul*, que chegou ao Brasil em meados da década de 1970, estando atrelado movimento do orgulho negro nova-iorquino. O *Soul* influenciou também a criação do *Charme*, *Hip-hop* e, por fim, o *Funk* clássico, onde enfatizava a realidade das periferias em suas letras. Atualmente, o *Funk* apresenta uma maior aceitação na grande mídia, até mesmo por estabelecer uma sonoridade mais comercial, distanciando-se de suas raízes reivindicatórias e acentuando-se na erotização, na banalização, além de estar pautado no consumo e pelo consumo.

O movimento *Funk* desenvolveu-se em um cenário marcado por intimidações da grande mídia, tal quadro intensificou-se a partir do início da década de 1990, onde suas letras discorriam acerca da realidade do pobre e morador das favelas cariocas. As missivas emitidas pela mídia, com abundantes entonações segregacionistas e discriminatórias, colaboraram para a construção da imagem do *Funkeiro* no imaginário coletivo, associando-os a agressividade e a sordidez, assim como, atribuindo-os a autoria do aumento da violência na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Essa excessiva tentativa de criminalizar o movimento *Funk*, por parte da mídia, culminou em seu declínio no ano 2000. Contudo, a partir do ano de 2001, o movimento *Funk* recupera-se e propicia o início de um novo ritmo, pautado na irreverência, nas letras de duplo sentido e na erotização. Então, o *New Funk*, sofreu um brutal cooptação midiática e alcançou níveis jamais imaginados anteriormente. A grande mídia mudou seu discurso e passou a

dissertar o *Funk* como algo novo e de gênero legitimamente carioca, atrelando-o a própria identidade do povo carioca, visto que suas músicas prezavam pela irreverência, malícia e humor e tais atributos também são usados para a representação da construção do povo carioca. (HERSCHMANN, 1997).

É inconcusso a responsabilidade que a mídia teve em gerar na sociedade o sentimento de aversão pelos adeptos do movimento *Funk*. Tal ato, em conivência com as instituições públicas, repercutiu-se em forma de generalizações e criminalizações das singularidades existentes na cidade e, sobretudo, na própria criminalização das culturas subalternas e de suas formas de lazer (FERREIRA, 2014). Os acontecimentos pretéritos servem para explicar a realidade presente em sua totalidade, pois definiram o modo de ser do movimento *Funk*. O processo de cooptação midiática, do qual o *Funk* foi submetido, gerou consequências ao movimento e alterou sua verdadeira genuinidade. Se por um lado houve sua dilatação para os diferentes espaços e camadas sociais, por outro lado, trouxe-lhe o esvaziamento político e o empobrecimento, além de uma seletividade em quem faz *Funk* hoje, atingindo o sucesso, exclusivamente, aqueles que servem aos interesses do alto circuito mercadológico do *Funk*.

A alteração no íntimo do movimento e nas novas formas de se fazer *Funk*, é percebida e até mesmo questionada pelos *Funkeiros* de Campos dos Goytacazes. Eles apontam que o *Funk* mais antigo retratava as discriminações sofrida pelos moradores das favelas e que era essa a única forma de voz que o povo tinha para defender-se, porém, na atualidade, é ínfimo o *Funk* que aborde tal assunto. Para tal episódio, pode-se atrelar as contribuições de Harvey (2005 apud FERREIRA, 2014, p. 95), onde menciona que há um processo que visa transformar a cultura em *commodities* pelo capital, assim como forjá-la e manipulá-la para se obter tal fim. Esse processo parte de uma categoria monopolista que visa o lucro através das tradições culturais e locais, sendo assim, a alteração da cultura local e de suas tradições estão vinculadas ao desejo de extrair e se apropriar de suas rendas. Neste sentido, pode-se findar que as interferências externas que influenciaram o interior do movimento *Funk* almejavam um claro propósito, inserir-se nas culturas de massa em benefício do mercado fonográfico, por exemplo, e gerar o lucro. Entretanto, há uma concretude fidedigna que se pode asseverar, pois para os sujeitos de Campos dos Goytacazes, que veem no *Funk* um refúgio para as mazelas da vida, ele filiou-se parte de sua identidade e de sua cultura e torna-se difícil reverter tal quadro.

### 1.1. Em ruas e boates campistas

Levando em conta as especificadas da cidade de Campos dos Goytacazes, optamos por dar enfoque à bailes *Funks* em bairros distintos socioeconomicamente para interpretarmos tanto seu caráter eminentemente comercial como aquele contestatório. Assim, as casas noturnas estudadas apresentam contraposições uma a outra, por fatores como o preço e a localização, por exemplo.

Uma delas se trata da *Big Field*, que se localiza na principal avenida do Parque Guarús, distrito de Campos dos Goytacazes que possui um dos maiores contingentes populacionais do município e uma das áreas mais pobres da cidade. Referente aos preços, a casa oferece bebidas com valores acessíveis e a entrada é gratuita para mulheres até um determinado horário. Sua área é relativamente significativa e assemelha-se a um galpão, onde tem-se apenas uma pequena parte coberta por um toldo de fibra, o palco localiza-se ao fundo de sua extensão e o camarote encontra-se no lado esquerdo superior. Para ter acesso ao camarote é necessário desembolsar o valor da entrada da boate e outro para o camarote. Este é cobrado individualmente e funciona como *Open bar*. De modo geral, o seu público são de sujeitos pertencentes a classe média baixa e baixa.

A *Excess Club*, situa-se na Avenida Pelinca, uma das principais vias da cidade localizada em uma área nobre e que exerce significativa centralidade urbana para os setores de comércio e serviços. A boate é pequena e conta com uma área externa decorada com requinte, além de comportar o camarote e área *VIP*, que ficam no segundo andar. Nessas as bebidas são cobradas à parte, mas a depender da apresentação que estará na casa vende-se um pacote com o valor fechado o qual reverte-se em consumação. O camarote e a área *VIP* estão projetados acima da pista de dança do primeiro andar, não permitindo, assim, uma interação com o público do andar de baixo, o que concede aos seus frequentadores uma visão privilegiada do pequeno palco. Quanto aos preços, a casa mantém um padrão de valores elevados nas bebidas e em suas entradas, tanto para as mulheres quanto para os homens, a variação dos mesmos depende da atração que a casa apresentará. De modo geral, seus frequentadores são estudantes universitários e moradores da cidade pertencentes as classes abastadas.

Para fazer o contraponto entre as casas noturnas escolhidas e visualizar as heterogeneidades dentro da casa, foi de suma importância analisar o entorno das casas noturnas, ou seja, a rua. Por um lado, porque estamos no cerne do que Simmel (1983 apud TURRA NETO; BERNARDES, 2013, p.6) denomina de sociabilidade, ou seja, a reunião de sujeitos que possui fim em si mesmo, sem conteúdos definidos, do qual eles partilham e participam o simples prazer que a reunião proporciona. Por outro lado,

A rua converteu-se em rede organizada pelo/para o consumo. A velocidade da circulação de pedestres, ainda tolerada, é aí determinada e demarcada pela possibilidade de perceber as vitrinas, de comprar os objetos expostos. O tempo torna-se por “tempo mercadoria” (tempo de compra e venda, tempo comprado e vendido). A rua regula o tempo além do tempo de trabalho; ela o submete ao mesmo sistema, o do rendimento e do lucro. Ela não é mais que a transição obrigatória entre o trabalho forçado, os lazeres programados e a habitação como lugar de consumo. (LEFEBVRE, 1999, p.31).

Nesse sentido, temos a rua como local da sociabilidade e do consumo e, também, como o misto daquilo que a sociedade deseja e do que ela descarta. Foi na rua que encontramos e interpretamos muitos dos fatos que acrescentaram para o entendimento quanto a dinâmica e as territorializações que se formam dentro das casas noturnas. Isso porque o território não se apresenta em um formato rígido, que talvez possa repetir-se, mas apresenta-se fluído e disforme, sobrepondo e justapondo a outros, cujas fronteiras não-visíveis são a possibilidade de participação da agregação dos grupos. (COSTA, 2007).

### 3 Nos territórios do funk

Considerando tanto as ruas como as boates como *loco* de expressão dos *Funkeiros* e, por conseguinte, do *Funk*, o conceito de território comparece na discussão como um instrumento para interpretação e entendimento dessa realidade. Nesse sentido, tomamos a concepção de Haesbaert (2007), notadamente, quanto ele aponta que o território pode ser entendido pela sua dimensão funcional e/ou pela sua dimensão simbólica e cultural. A abordagem funcional do território pressupõe-se processos de dominação, controle físico de uma área e a ideia de territorialidade que não se concebe sem um território. Já na dimensão simbólica, o território estaria ligado aos processos de apropriação pela utilização de símbolos e signos. Contudo, devemos considerar o território como simbólico e o funcional, porque são indissociáveis. Segundo Haesbaert (2007, p.23) “eles nunca se manifestam em estado puro, pois todo território funcional tem uma carga simbólica e vice-versa, por menor que sejam”.

A partir desses pressupostos consideramos que nos bailes *Funk* nem todo o território que se constrói está pautado em um espaço delimitado e controlado explicitamente por um grupo ou por um único sujeito. Seu enfoque não se limita ao domínio das coisas, mas, antes disso, se pauta no domínio das relações sociais, que se categoriza de maneira simbólica e subjetiva, enquadrando-se na “normalidade”, visto que se trata de um local de sociabilidade. É

por esse motivo que não se pode falar em território dos *Funkeiros*, como algo estático no tempo e espaço, pois

[...] se existe um território dos funkeiros, este seria o do baile, que é uma realidade territorial móvel e cíclica; fora dos bailes, os ‘funkeiros’ cumprem outros papéis na sociedade, onde, na maior parte dos casos, a identidade de funkeiros é o menos importante (FERREIRA, 2014, p.131).

Considerando as assertivas de Ferreira, relacionamos a realidade interpretada ao longo do estudo do movimento *Funk* ao conceito de múltiplas territorialidades. Esse, é proposto por Haesbaert (2007) como uma alternância conceitual dentro de um processo que muitos denominariam de desterritorialização. Porém, mais do que perder os processos de territorialização, na maior parte das vezes, o que se está vivenciando é a intensificação e complexificação de um processo de (re)territorialização múltipla. Cabe-nos afirmar que toda concepção territorial tem relação com poder, todavia não apenas com o poder tradicional, que seria o político, mas, tanto com o poder no seu sentido mais explícito – que é o de dominação (possessão, propriedade) mais concreto, funcional e relacionado ao valor de troca – quanto o poder no sentido mais implícito ou simbólico – que é o de apropriação, que relacionado a um processo simbólico carrega as marcas do vivido e relaciona-se ao valor de uso – (HAESBAERT, 2007, p.21). Conseqüentemente, o território enquanto espaço vivido é sempre múltiplo, ou seja, diverso e complexo e é dessa maneira que se pode apontar o universo do *Funk*.

No que concerne ao poder, segundo a concepção de Foucault, o poder não se dá, não se troca, nem se retoma, mas se exerce, só existindo em ação, desta forma o poder não se dá apenas no exercício, mas também como relação. Neste sentido, considerando que o poder permeia múltiplas escalas, não sendo monopólio apenas do Estado ou, até mesmo, dos atores hegemônicos, podemos captá-lo “em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar” (FOUCAULT, 1986, p.183). Como se trata da multiterritorialidade para o *Funk*, sobreveio a necessidade de adequá-lo ao conceito de poder que demonstre sua realidade, para tal o integramos ao poder simbólico. Nesse sentido, Bourdieu, aponta que o poder simbólico é aquele onde:

É necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo o exercem. (BOURDIEU, 1989, p.7).

Para Ferreira, a concepção de poder simbólico de Bourdieu é o ponto de partida para a compreensão das relações de força que estão em jogo na coexistência das múltiplas territorialidades, pois “desfetichiza” a relativa ausência de tensão de que um território sem as relações de poder material explícita que, por acaso, possa trazer (FERREIRA, 2014, p.134). O conceito de poder simbólico de Bourdieu (1989), apresenta-se de uma forma estrutural, que tem uma relação entre dominador e dominado, mas similarmente dentro de uma perspectiva relacional, pois não há dominador sem dominado e vice-versa. Ele supervaloriza as disputas de forças existentes na esfera dos atores hegemônicos que estão no exercício do poder ou com a finalidade de exercê-lo. Para evidenciar esse fenômeno no baile *Funk*, apreendemos as relações de poder simbólico em que não se prioriza apenas o poder por quem o exerce, mas, também, por quem é afetado. Isto posto, torna-se inteligível perceber a circulação do poder, que não é algo inerte, pois como diz Foucault:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. [...] Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão (FOUCAULT, 1986, p.183).

Aspirando a melhor compreensão da circulação do poder, o elucidaremos nos bailes *Funks* estudados. Todos que frequentam o baile *Funk* encontram-se em posição de exercer o poder, mesmo que brevemente, assim como, contra exercê-lo. Na *Big Field*, a figura do empresário (proprietário) e/ou do gerente da casa, tem seu poder restrito a fase da pré-operação e da pós-operação dos bailes *Funks*, ou seja, a de contratar as atrações e montar as programações da casa, porém no ápice em que ela entra em funcionamento, aquele local ganha vida própria e outros atores sociais surgem e começam, de algum modo, a exercer poder. Podendo agora ser exercido pelos DJ's<sup>4</sup> ou por outras atrações da casa como os MC's<sup>5</sup> e os Bondes de *Funk*<sup>6</sup>, por exemplo. Durante suas apresentações eles podem influenciar o comportamento do público, no entanto, pode sobrevir-lhes restrições de seu poderio por parte do promotor da casa, que tem o poder de direcioná-la restringindo as ações dos artistas, como por exemplo, impedi-los de executarem músicas com apelos sexuais (os chamados *Funks*

---

<sup>4</sup> Abreviação para *Disc Jockey*, profissional que trabalha em rádios, boates, bailes e danceterias, selecionando e executando músicas destinadas a algum tipo de público.

<sup>5</sup> MC significa *master of ceremony*, que na tradução é mestre de cerimônia.

<sup>6</sup> Gíria usada nos bairros da periferia e serve para designar um grupo de amigos, nesse caso designa um grupo de dançarinos de *Funk*.

proibidos). Por fim, existem, outros dois grupos exercendo poder dentro da casa, como os frequentadores das áreas *VIPs*<sup>7</sup>, que buscam consolidar uma distinção social, na festa, através da separação ou da ostentação e os seguranças, que pela sua postura indumentária, exercem o poder da vigilância, sem necessariamente precisar recorrer à força. Em suma, é possível perceber que há a existência de um campo de forças, que passaria despercebido se não considerássemos o poder em suas capilaridades e também em sua forma simbólica.

Recobrando a questão do território e territorialidade, Massey (2007), explica que os espaços, os territórios e as territorialidades podem ser imaginados e, ainda, que as pessoas têm múltiplas identidades, dessarte, também os lugares o têm. Em síntese, pode-se asseverar que o território, atualmente, passa a ser experienciado por diferentes territorialidades passíveis de serem ativadas e experimentadas por distintos sujeitos. O corolário mostra-se em uma coexistência espaço-temporal distinta, que resulta na vivência e na apropriação de maneira particular por cada sujeito, que, por sua vez, é fruto da união de suas múltiplas experiências (FERREIRA, 2014, p.138). Desta forma, nas múltiplas territorialidades, os sujeitos estão desenvolvendo, vivenciando e contestando diversas territorialidades que são concomitantemente umas às outras, porém cada um com uma apropriação específica. De todo modo, cabe ressaltar que a territorialidade precede o território, como mencionado por Haesbaert.

A territorialidade, no nosso ponto de vista, não é apenas “algo abstrato”, num sentido que muitas vezes se reduz ao caráter da abstração analítica, epistemológica. Ela é também uma dimensão imaterial, no sentido ontológico de que, enquanto “imagem” ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se referia não esteja concretamente manifestado – como conhecido exemplo da “Terra Prometida” dos judeus, territorialidade que os acompanhou e impulsionou através dos tempos, ainda que não houvesse, concretamente, uma construção territorial correspondente. (HAESBAERT, 2007, p.25).

No que diz respeito a delimitação física do território dos *Funkeiros* em Campos dos Goytacazes, podemos ratificar que esses não possuem um território fixo, mas sua construção se dá na própria efetivação do baile *Funk*, em que seus frequentadores se identificam nele e naquele espaço, em um sentido simbólico. Com isso, a própria territorialidade impera-se como argumento para a construção real do território e é esse o passo mais efetivo no que diz respeito a construção de sua identidade.

---

<sup>7</sup> *VIP* expressão inglesa *Very Important Person*, traduzida literalmente para ‘Pessoa muito importante’, em lugares essa expressão é designada para lugares de alto luxo, de acesso exclusivo à pessoas e mercadorias importantes.

Outra particularidade do território do *Funk* é que ao passo que aproximamos sua escala de análise torna-se possível identificar as heterogeneidades dentro do baile *Funk*, como por exemplo, a manifestação de diversas microterritorializações. Essa toma forma com o agrupamento de sujeitos que compartilham de similaridades. Cabe deslindar que a microterritorialização revela a existência de territórios plásticos e móveis, que exprimem práticas segregacionistas de controle espacial. Tais práticas revelam-se de modo distintos, abarcando cunhos simbólicos relacionado a explicitação das diferenças, que são transformadas nas práticas de distinção dos grupos. (SERPA, 2013, p.62). Assim, essas microterritorializações, como qualquer territorialização em uma escala muito reduzida, se concretizam dentro de uma escala temporal de curta ou curtíssima duração e são sempre marcadas pela instabilidade, desaparecendo após o término do baile (FERREIRA, 2014, p.145).

Com a intenção de sanar as possíveis dúvidas existentes a respeito do território do *Funk*, pois alguns pesquisadores tratam o território como sinônimo do substrato espacial material, cabe-nos ressaltar que território e substrato material são coisas distintas. A isso, acrescentaremos as contribuições de Ferreira onde aponta que:

O substrato material precede à existência do território, que só existe na medida em que as relações sociais se projetam no espaço, sua manutenção ou transformação está condicionada a esta instância. As fronteiras podem se alterar, bem como o território pode deixar de existir e dar espaço para a existência de outro território sem que necessariamente o substrato espacial material seja modificado. Podemos ainda admitir que múltiplos territórios coexistam num mesmo substrato material de forma sucessiva ou simultânea como no caso das territorializações mais flexíveis, dos territórios móveis ou das territorialidades cíclicas, que produzem territórios instáveis e flutuantes. (FERREIRA, 2014, p.143).

Se o território for entendido como semelhante ao substrato material, haverá uma coisificação do território, além da dificuldade em perceber que, na sua qualidade de projeção espacial de relações de poder, suas fronteiras, seus recortes territoriais e seus limites podem todos mudar, sem que necessariamente o substrato material, que serve de suporte e de referência material para as práticas espaciais, mude. Por tanto, a utilização de um viés clássico não conceberia tal dinâmica e suscitaria a ideia errônea de que o *Funk* não produziu territórios, já que seus sujeitos não delimitam ou controlam claramente suas áreas de forma permanente e que pudessem ser conceituadas como substrato material.

Em suma, no que diz respeito aos territórios construídos pelo *Funk* na cidade de Campos dos Goytacazes, pode-se testificar que ele se insere em um substrato material que

comporta outros territórios. A título de exemplo tem-se a *Excess* que, sendo uma das principais casas noturnas da cidade, é onde o *Funk* se territorializa, mas o território por ele construído logra do mesmo substrato material que o Sertanejo, o *Trance* e outros ritmos musicais. Sua instituição dependerá da sua ciclagem, determinada pela programação semanal que definirá os ritmos de cada dia da boate. Da mesma forma acontece com o baile *Funk*, mensal realizado na rua da comunidade Tira Gosto, periferia da cidade, que nos demais dias comporta outras funções e abriga outras territorialidades, sem que o substrato material seja alterado.

#### 4 A corporeidade, a rua e a estrutura dos bailes funks

Ao analisar o exterior do baile *Funk*, quando esse ocorre em boates, torna-se possível compreender as heterogeneidades de seu interior, bem como as dinâmicas que fomentam a formação de suas microterritorializações. Porém, a rua é, primeiramente, o próprio ambiente de consumo, principalmente para os *Funkeiros*, que a tem como o cenário propício a refletir a imagem que desejam desvelar dentro do baile. Para tal, os jovens utilizam o automóvel como instrumento essencial para se afirmarem. Esse objeto aparece igualmente tanto na *Big Field* quanto na *Excess Club*, no qual seus condutores o param em frente as casas noturnas, com o som em volume elevado, aspirando obter a atenção para si. Sem essa demonstração se tornaria difícil atuar dentro da casa noturna, pois o sujeito seria apenas mais um na multidão.

Podemos afirmar que o apego dos sujeitos ao carro, tem relação direta com o corpo. Eles se sentem poderosos ao possuí-lo, porque é ele a própria ampliação de seus poderes corporais. O carro não pode ser entendido como um simples objeto, porque ele é o próprio corpo exteriorizado, sentido e tocado. Esse sentimento de poder frente a ele mesmo é real, pois “um instrumento ou máquina aumenta o mundo da pessoa quando ela sente que é uma extensão direta de seus poderes corporais” (TUAN, 1983. p. 99).

O automóvel é sobejamente utilizado para a ostentação, isso visualiza-se tanto na vida real, como nos vídeos cliques de *Funk*, como no clipe da música “Sou patrão não funcionário”, do MC Menor do Chapa (CHAPA, 2015), por exemplo.

Eu sou patrão, não funcionário  
 Meu estilo te incomoda  
 Só pego as melhores e ando sempre na moda  
 Bacana eu tiro é onda, vem no pique, olha só  
 A nossa fé em Deus é a riqueza maior

A nossa roupa é da Ed Hardy, Rio Local ou da Armani

O bonde tá de Audi, Veloster, tá de Megane  
 Eu to portando a Captiva com som de duzentos mil  
 Estilo panicat me deu mole quando viu

Elas tão doida, tão louca,  
 Olha só como elas curte  
 Whisky, Big Apple, Red Bull e Absolut.  
 (MC Menor do Chapa).

Nota-se, a recorrência desse fenômeno em ambos os casos citados, assim como a intensificação e a exaltação do carro como um sinônimo de poder ao homem. Baudrillard, considera que:

Resumindo inteiramente as oposições e as significações latentes do interior doméstico, o automóvel lhes acrescenta uma dimensão de poderio, uma transcendência que lhe faltava – sem jamais colocar em causa o próprio sistema: a cotidianidade privada toma com o veículo as dimensões do mundo sem deixar de ser a cotidianidade [...]. O deslocamento é uma necessidade e a velocidade, um prazer. (BAUDRILLARD, 2009, p.74).

Cabe salientar que o público da *Excess* e *Big Field* pertencem à classe econômica díspares. Todavia, o automóvel é para ambos um objeto de poder e é exatamente essa sensação que leva os sujeitos a lutem cada vez mais para adquiri-lo. O homem luta pelo poder, um poder que se perdeu com a modernidade e com o avanço das técnicas do qual anuncia a independência dos objetos e a dependência dos homens a esses. A recuperação desse poder é de extrema importância para os sujeitos e, atualmente, essa realiza-se a partir dos objetos, através daquele que lhe transmitirá mais segurança. A ilação de que ele ainda está no controle, o “encherá os olhos” e o levará ao consumo sem questionamento. Quanto ao automóvel, o sentimento de prazer ao conduzi-lo e sensação de união entre espaço e tempo, leva o sujeito, mesmo que inconscientemente, a se afeiçoar por ele, o que propicia o pertencimento e a intimidade com o objeto de forma grandiosa, a ponto de os sujeitos o personificar.

Alusivo ao conceito de poder, sua disputa começa ainda na rua, pautada nos objetos materiais. Ferreira, aponta que “a sociedade estaria em permanente conflito e em disputas pelo poder, sendo este processo desenvolvido em múltiplas escalas mesmo que não de maneira explícita” (FERREIRA, 2014, p.75). Isso se confirma na análise da rua, no qual a escala de poder se reduz ao individual e no que tange a circulação de poder, esse acontece mediante o constante embate entre os sujeitos. Dessa maneira, ele cumpre o seu papel de renovador e consolidador das diferenças, fazendo emergir novas formas de sociabilidade através de uma

reestruturação causada pelo enfrentamento. Outrossim, em uma escala bem reduzida, o território está sendo construído, ali mesmo na rua, sendo a fronteira o próprio corpo dos sujeitos. Pois como diz Azevedo, o corpo:

Funcionando como ‘superfície de inscrição e como fronteira entre o sujeito individual e aquilo que é o Outro para ele’, o corpo funciona ainda como fronteira maleável que nos põe em contacto com um exterior autodeterminado. A ênfase no trabalho de um ‘exterior constitutivo’, remete nestes termos para a necessidade de ruptura com a noção de identidades puras e de fronteiras rígidas entre os sujeitos e com a ideia de lugares dos sujeitos. (AZEVEDO et. al., 2009, p.44).

Outro ponto importante é que os objetos que compõe a estrutura dos bailes *Funks*, foram planejados para aguçar o imaginário e o psicológico de seus frequentadores, elencados a ideologia do consumo, onde tudo se organiza para que esse possa se refletir (SANTOS, 2010). Um exemplo são os espelhos e vidros, que aduz uma significação latente a de sua função principal, que seria a de ampliar e iluminar o ambiente. Os vidros conduzem a noção de separação e elevação social, ou individual aos sujeitos que estão no ambiente que contenha esse objeto.

Na *Excess*, a área *VIP* e o camarote têm como constituinte primário do alicerce de sua estrutura os vidros e é nítida a separação para o grupo que ali está dos demais frequentadores da casa. Em torno de 63% dos entrevistados que contribuíram para esse estudo afirmaram que se sentem vultosos quando estão nestes ambientes. Quanto aos espelhos, outro objeto de suma importância dentro dos camarotes e área *VIP*, Baudrillard (2012, p. 28) diz que esse tem o poder de “multiplicar sua aparência e de jogar com seus bens”. Contudo, cabe ressaltar que são as relações sociais que influenciam os sujeitos a ocupar os camarotes, essas tendem a impulsioná-los a galgar um nível a mais, mesmo que seja por motivos frívolos, como por exemplo, as bebidas, as roupas ou os *Gadgets*, para a demonstração de “superioridade”. Isso tem por objetivo estabelecer relações, além da aceitação pelos demais sujeitos, pertencentes a classes sociais diferentes. Por fim, esse é o território que nos ajudará a desvendar os sentidos da sociedade e o seu espaço, pois ele não é o simples reflexo dela, mas a existência concreta da sociedade e de suas contradições (COSTA, 2007).

## 5 Os objetos como signo ideológico-cultural

A relação dos sujeitos com os objetos que são consumidos no baile *Funk*, faz analogia a construção cultural e ideológica em que ele foi condicionado. À vista disso, pode-se compreender que a utilização dos objetos, que são apresentados e inseridos à sociedade como forma de demonstrar elevação social, é também um fator cultural. Outro ponto identificado é que os sujeitos tendem a personificar esses objetos, transformando-os em seu próprio eu, o que ocasiona uma relação profunda com o corpo humano. (BAUDRILLARD, 2012).

Referente ao corpo, esse é similarmente experiência e imagem, que como tal apresenta-se como um “corpo-ideia” e se reportará a uma cultura que o incutirá a seus costumes e hábitos. Dessa forma, a naturalidade do corpo pode ser inibida ou alterada pela cultura, assim, se o sujeito procurar sua imagem fora de si mesmo, tornará objeto para sua própria visão e identificando-se por sua exterioridade visível preocupar-se-ão com o que os outros veem através de sua imagem (HELLER, 2006, p.98). Em vista disso, é fiável denotar que “O modo como o corpo, ou os diferentes corpos são representados diz muito sobre a sociedade em que se vive” (AZEVEDO et. al., 2009, p.20). Entendemos que tal afirmativa é procedente, notadamente, quando consideramos que os frequentadores dos bailes *Funks* apresentam-se, primeiramente, através dos objetos que estão possuindo, com a convicção de que esses fazem parte de si. Ao longo do estudo, por meio da observação sistemática e participante, constatou-se que os *Funkeiros* mais confiantes, são os que portam as vestimentas e os adereços que fazem parte de sua moda.

Nesse sentido, para a identificação de tais fenômenos, se fez de suma importância o estudo da corporeidade, pois é pelo corpo que são expressas e transmitidas as informações sobre a cultura e o modo de vida dos sujeitos. O homem é reflexo do mundo em que vive e traduz de forma original, através de seu corpo, o que lhe foi transmitido. (MERLEAU-PONTY, 2014). Assevera-se que o corpo é o próprio retrato das ideologias e culturas reinantes na sociedade. Neste sentido,

Cada retrato e cada discurso sobre o corpo é sempre resultado da ideologia e política reinantes, ora celebrando-as ora contestando-as. Muitas vezes, só a interpretação atenta das fissuras de significação possibilita a emancipação do corpo ou corpos representados dado o modo como a figuração tem subjacente complexos processos de codificação cultural. (AZEVEDO et. al., 2009, p.22).

A elucidação da cultura através dos corpos não se dá de modo articulado, mas de maneira subjetiva e silenciosa, fundada a partir da relação com o todo e das experiências desde a infância. O corpo revela o silêncio da consciência, essa revelação acontece através do *Cogito Tácito*.

[...] e esse silêncio acompanha todos os nossos atos, todos os nossos movimentos. Cogito tácito, intencionalidade, expressão: mais que experiência, condições sem as quais eu não poderia projetar em torno dos dados da minha experiência espacial um horizonte temporal, instituindo uma orientação específica para a minha motricidade. Não fosse por esse Cogito. (HELLER, 2006, p.64).

O corpo é a expressão natural da cultura de cada sujeito, ele é a própria condição e possibilidade, não apenas de articulação e compreensão de um significado existencial, mas de todas as operações expressivas e das aquisições que constituem o nosso mundo cultural. O corpo tem o poder da atualização e da expressão de forma diferenciada, quando se expressa ele move a si próprio, pois ele expressa-se movendo. O saber oculto que habita distintivamente em cada sujeito, pode ser compreendido claramente se atentarmos-nos à corporeidade. Isso torna-se claro no simples exemplo citado por Merleau-Ponty: “Se me ordena tocar minha orelha ou ao meu joelho, levo minha mão à minha orelha ou ao meu joelho pelo caminho mais curto, sem precisar representar-me a posição de minha mão à outra” (MERLEAU-PONTY, 2014, p.169). Desta forma, finda-se que na corporeidade não há representações, mas a pura transposição da subjetividade de cada sujeito, a transparência da coleção de suas vivências.

Cabe-nos juntamente aduzir que a elevação do consumo, percebido tanto nos bailes quanto nas músicas de *Funk* atualmente, trata-se de um fenômeno recorrente. A ostentação aparece no *Funk* desde o seu início, mas em menor relevância. O uso de roupas com marcas famosas já era incitado em suas letras. Tomemos como exemplo um trecho da música: “Andamos de Cyclone da cabeça aos pés. Usamos também o bonde e o pisante Nike Air” (FURACÃO 2000, Montagem andamos de Cyclone 1996). Nessa, faz-se clara a diferenciação desse grupo, em relação aos demais que não utilizam tais marcas. A marca Cyclone era referência no estilo de roupa *Surf Wear* da época e uma peça poderia chegar ao valor de R\$ 400,00. Os *Funkeiros* de Campos dos Goytacazes hoje, que são em sua maioria jovens, partilham de uma ideologia em que o consumo dos objetos é entendido de modo praticamente “naturalizado” e como uma forma de ascensão social. A ostentação de hoje é a contraditoriamente dialética ao passado, mas de um modo mais intenso.

## 6 A ostentação no lugar

Os objetos são autônomos e livres do corpo humano, porém o gestual humano ainda amarra a simbologia de que o homem está no controle, isso é resultância da carência humana de seu poderio e tal simbologia visa ocultar a realidade vazia, fazendo com que pensem que ainda se tem o controle nas mãos. No entanto, tal fenômeno tem gerado consequências profundas no agir dos jovens. É neste ponto, que se dá a busca incontrolável pela ostentação, ou seja, pelo poder. Os jovens não sentem mais que estão a dominar o mundo, então começam por dominar os objetos em busca de tal sensação, sensação essa no sentido de “ser a maneira pela qual me sinto afetado, a experiência de um estado de mim mesmo” (MERLEAU-PONTY, 2014, p.23).

A ostentação surge da busca por aquele poder perdido e se reflete nos bens materiais finitos, que os fazem sentir-se poderosos. Porém, tal ação é o corolário da fuga pela paralisia que se estabeleceu na sociedade. Pôde-se asseverar ao longo do estudo que, para um número considerável de jovens que frequentam os bailes *Funks*, é mais valorosa a aparência que passam frente ao que possuem materialmente, do que por aquilo que são. Dessa maneira o objeto torna-se “assim, no seu sentido estrito, realmente um espelho: as imagens que devolve podem apenas se suceder sem se contradizer. É um espelho perfeito já que não emite imagens reais, mas aquelas desejadas” (BAUDRILLARD, 2009, p.98).

Destarte, pode-se estar aguçando um ciclo de mendacidade entre os jovens, onde cada um se apresenta como se deseja mostrar e não como de fato é, como se a vida fosse uma peça de teatro, onde os coadjuvantes são os sujeitos e os adereços os atores principais, mas que com o desdobrar da trama, os objetos levarão a ascensão desse sujeito. É exatamente assim que encontramos os *Funkeiros* de Campos dos Goytacazes, vivendo em uma mistura do imaginário que se transforma no real. Contudo, essa fuga do real, não é feita somente pelos frequentadores da *Excess* e *Big Field*, mas por toda a sociedade que está inundada no sistema de consumo capitalista, tal efeito foi passível de visualização a partir da análise do lugar, pois a base da construção geográfica de toda a ideologia e cultura do povo é o lugar e esse é considerado como o espaço de exercício da existência plena.

Tem-se o lugar como produto social e é onde encontram-se os imaginários geográficos. Ele é constantemente criado e recriado, conduzindo as forças de inclusão e de exclusão que participam na forma de habitar cada mundo da experiência. Por isso, a ideia de lugar se constitui frequentemente como fonte de paradoxo, ambivalência e contradição. Massey, aborda que a nova conceituação do lugar, como área circunscrita para um agregado de redes de relações sociais e porosas, veio reforçar a ideia de que as identidades de lugar são múltiplas, ao invés de

que a imagem dominante de qualquer lugar é mutável através do tempo, fato sempre alvo de contestação. Para a autora o estudo do lugar se encontra para além das tradicionais polarizações conceituais a que tem vindo a ser votada, tais como a objetividade/subjetividade ou ação/estrutura, pois não existem características fixas de lugar ou fronteiras espaciais fixas, sendo os lugares definidos tanto pelo interior como pelo exterior constitutivo. (MASSEY, 1997 apud AZEVEDO et. al., 2009, p.43). Quanto a corporeidade e as representações feitas através do corpo são de suma importância que estejam atrelados ao lugar, pois é genuíno que é por nossa natureza corpórea que vivenciamos o espaço, a partir dos diferentes lugares.

Vede a importância de se captar o fenômeno da ostentação através da ótica do lugar e, precipuamente, de dentro do lugar dos *Funkeiros*, pois o lugar é o mundo, porém reproduzido de maneira específica, individual e diversificada. Ele é singular, entretanto é a reprodução do global. Outrossim, nota-se que os jovens *Funkeiros* que frequentam o circuito inferior do *Funk*, ao serem desprovidos de um aparato e de incentivos de políticas públicas e mediante suas restrições socioeconômicas, exploram o único objeto do qual não podem ser destituídos, os seus corpos, que é o seu maior patrimônio.

## 7 Considerações

Deve-se considerar que a cidade de Campos dos Goytacazes exprime uma relevante segregação socioespacial e socioeconômica e que essa é passível de observação no interior dos bailes *Funks*, que se sucedem na *Big Field* e na *Excess Club*. Ainda no que se refere a cidade, o que se contempla, espacialmente, é uma aproximação das diferentes classes, porém essa é marcada por uma profunda separação e pela destruição dos laços de solidariedade e sociabilidade, instauradas por uma tentativa de isolamento recíproco das classes. O baile *Funk* pode ser considerado como um dos vetores onde há a socialização das classes e que, de certo modo, une as diferentes classes sociais da cidade em um determinado momento.

No que tange ao movimento *Funk*, atualmente pode-se presenciar um *Funk* voltado para o banal e apoiado pela mídia, que tem por finalidade em suas estratégias a multiplicação de seus consumidores e telespectadores (FERREIRA, 2014). Se algo banal está sendo alvo de consumo da massa, isso significa que alguma coisa mudou no seio da sociedade, ou ela também se banalizou, ou está mais vulnerável às influências da moda e da efemeridade do poder midiático. Porém, tal questão necessitaria de um estudo mais específico. O que se pode asseverar neste âmbito, por meio dos resultados quantitativos do estudo, é que são os sujeitos com as rendas baixas, os que mais consomem os objetos supérfluos apontados nas músicas de *Funk*. Neste

sentido, o fato da grande mídia investir na banalização do *Funk* a tal ponto de adentrar sua raiz para ofuscar seu valor cultural e indenitário, é porque de algum modo, ela avista mercado para tal em parte da sociedade, onde encontram-se com os seus mais profundos desejos reprimidos, seja pela rotina frenética do dia-a-dia, seja pelo seu aprisionamento em subempregos, seja pela falta de oportunidades, ou simplesmente pela diversão. A problemática é que está se doutrinando os jovens a serem extremamente consumistas e a pautarem suas liberdades nos objetos, do qual não os libertará de forma plena de suas reais condições sociais. Assiste-se a um ciclo vicioso de consumo e de possessão dos objetos, por parte desses, como um meio de alcançarem a ascensão ou aceitação nos grupos, dentro dos bailes *Funks* e também na sociedade.

## 8 Referências

AZEVEDO, A. F. et al. **Geografias do Corpo**. Ensaios de Geografia Cultural. Portugal: Livraria Figueirinhas, 2009.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). **Cidades@**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=330100&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas> > Acesso em: 03 de novembro de 2015.

COSTA, Benhur Pinós. **Por uma geografia do cotidiano**: Território, cultura e homoerotismo na cidade. Porto Alegre: UFRS, 2007.

FERREIRA, Leonardo de Castro. **TERRITÓRIOS DO FUNK CARIOCA: Do circuito marginalizado ao espetacularizado**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

FURACÃO 2000. **Montagem Andamos de Cyclone**, 1996.  
<https://www.youtube.com/watch?v=yi6-HC13On8>

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidade: Um debate. In: **GEOgraphia**, ano IX, nº 17, 2007.

HELLER, Alberto Andrés. **Fenomenologia da expressão musical**. Santa Catarina: Letras contemporâneas, 2006.

HERSCHMANN, M. Na trilha do Brasil contemporâneo. In: \_\_\_\_ (org.). Abalando os anos 90: Funk e Hip-hop: globalização, violência e estilo de vida. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HERSCHMANN, Micael. **O Funk e o Hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo horizonte, ed. UFMG, 1999.

MASSEY, Doreen. **Um Sentido Global do Lugar**. Campinas: Papirus, 2000.

CHAPA. Mc menor do. **Sou patrão, não funcionário**. Disponível em: < <http://letras.mus.br/menor-do-chapa/eu-sou-patrao-nao-funcionario> > Acesso em: 03 de novembro de 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1945.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**, do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SERPA, Ângelo. Espacialidade do Corpo e Ativismos Sociais Na Cidade Contemporânea. In: **Revista Mercator**, v. 12, n°29, p.23-30, Fortaleza, 2013.

SERPA, Ângelo. Microterritórios e segregação no espaço público da cidade contemporânea. In: **Cidades**, v.10, n°17, 2013.

TUAN, Yi-Fu, **Espaço e Lugar**. A perspectiva da experiência. São Paulo: Difusão editorial 1983.

*Recebido em 10 de outubro de 2015.*

*Aceito em 1 de novembro de 2015.*